



ENTRE O SER E O TORNAR-SE DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Marynny Luiza de Souza Soares¹
Teresa Kaylane Serpa Moreira
² Adéle Cristina Braga Araujo³

RESUMO

O presente estudo se insere na discussão sobre a formação docente no Brasil, abordando os desafios e potencialidades do contexto contemporâneo. A docência é compreendida como uma prática social, histórica e política, fundamentalmente relacionada ao desenvolvimento humano e à ação pedagógica. O objetivo da pesquisa é examinar a formação de professores a partir da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica, com ênfase na compreensão de que o ensino deve contemplar a historicidade da prática educativa e o compromisso ético-político do professor. A metodologia utilizada foi uma revisão bibliográfica aprofundada, fundamentada nos trabalhos de Vigotski (2007), Luria (1979), Leontiev (2004), Saviani (2009, 2013), Facci (2013) e Martins (2011, 2013), entre outros. A formação docente no Brasil enfrenta desafios históricos relacionados à fragmentação curricular, à desvalorização social da profissão e às desigualdades estruturais, que exigem uma visão ampliada e crítica do papel docente. Conclui-se que ser e tornar-se educador são processos inseparáveis, que envolvem uma contínua construção identitária, teórica e prática, orientada por um compromisso ético-político com a emancipação humana.

Palavras-chave: Formação de professores, Psicologia histórico-cultural, Pedagogia histórico-crítica, Emancipação Humana.

INTRODUÇÃO

A formação do professor constitui um dos pilares centrais na construção de sistemas educacionais democráticos, inclusivos e emancipatórios. Entretanto, essa formação não pode ser compreendida apenas como um processo técnico ou mecânico de aquisição de saberes. Ao contrário, trata-se de um percurso complexo, que envolve a constituição de uma identidade

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará - IFCE, marynny.souza09@aluno.ifce.edu.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará - IFCE, teresa.serpa06@aluno.ifce.edu.br;

³ Doutora em Educação. Professora EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará - IFCE, adele.araujo@ifce.edu.br;





profissional e humana, marcada pela historicidade, pela mediação social e pela reflexão crítica sobre a prática pedagógica.

Facci (2013) chama a atenção para a dualidade entre valorização e esvaziamento do trabalho docente, evidenciando que o reconhecimento social do professor ainda é permeado por contradições e desafios profundos, os quais refletem, em grande medida, as desigualdades estruturais da sociedade brasileira. Diante disso, a formação docente precisa ser orientada por uma visão ampliada do papel do educador, que promova o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Na perspectiva da psicologia histórico-cultural, fundamentada por Vigotski (2007) e aprofundada por Luria (1979) e por Leontiev (2004), o desenvolvimento humano é resultado da mediação entre o indivíduo e o contexto social, especialmente através da linguagem e do trabalho coletivo. Portanto, a formação do professor deve incorporar esses fundamentos para efetivamente contribuir com a transformação das condições históricas e sociais, considerando o compromisso ético-político de ser e tornar-se docente.

Saviani (2009) contribui para esse debate ao apresentar um panorama histórico da formação docente no Brasil, destacando a necessidade de superar a dicotomia entre formação cultural-cognitiva e formação pedagógica-didática, propondo uma integração dialética entre ambas. Essa articulação torna-se ainda mais relevante diante das demandas contemporâneas por uma educação que valorize a crítica e a participação social.

O objetivo da pesquisa é examinar a formação de professores a partir da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica, com ênfase na compreensão de que o ensino deve contemplar a historicidade da prática educativa e o compromisso ético-político do professor. Discutiremos os principais fundamentos teóricos e práticos que sustentam essas teorias, ressaltando o papel do educador no processo de ensino e aprendizagem e na apropriação do conhecimento historicamente acumulado. Ao compreender esses elementos, buscamos evidenciar o tornar-se docente, consciente de sua função na promoção do desenvolvimento humano em sua totalidade.

METODOLOGIA





Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza bibliográfica, voltado a examinar a formação docente sob uma perspectiva crítica e histórica. Para tanto, foram selecionadas obras clássicas e contemporâneas que abordam temáticas relacionadas à formação de professores, a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica, com ênfase em textos fundamentais de Vigotski (2007), Luria (1979), Leontiev (2004), Saviani (2009, 2013), Facci (2013) e Martins (2011, 2013), além de outros estudiosos da pedagogia crítico-histórica. As citações foram escolhidas não apenas para compor referencial teórico, mas para sustentar argumentações e favorecer um diálogo consistente entre autores.

A opção pelo estudo bibliográfico, aliado a uma análise interpretativa que ultrapassa a simples descrição do conteúdo, tem como propósito apreender o sentido e as contradições presentes no objeto de estudo - teoria e prática docente. Tal postura encontra respaldo na pesquisa dialética defendida por Maia Filho (2009), que busca compreender a totalidade dos fenômenos sociais. A análise do material bibliográfico foi conduzida sob orientação hermenêutica, de modo a interpretar as relações dialéticas entre teoria e prática na formação docente e o desenvolvimento humano, indo além das aparências imediatas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A psicologia histórico-cultural compreende que as funções psíquicas superiores resultam da interação social mediada pela linguagem e pelo trabalho, não se restringindo, portanto, a fatores biológicos (Vigotski, 2007). Luria (1979, p. 10) reforça essa ideia ao afirmar:

O que acabamos de afirmar deixa clara a imensa importância que tem para a Psicologia a sua ligação com as ciências sociais. Se na formação do comportamento do animal as condições biológicas de vida desempenham papel determinante, na formação do comportamento do homem esse papel é desempenhado pelas condições da história social, que cria formas novas de uma complexa relação com a realidade, mediada pelas condições de trabalho, formas essas que são as fontes de novas formas especificamente humanas de atividade psíquica.

Tal perspectiva rompe com visões inatistas e biologizantes, ao compreender o desenvolvimento humano como um processo histórico-cultural, indissociável das práticas





sociais. O sujeito se constitui na relação dialética com o meio, apropriando-se de saberes, instrumentos e signos historicamente produzidos. A linguagem e o trabalho, nesse sentido, configuram complexos sociais fundamentais para a formação das funções psicológicas superiores e para o desenvolvimento da consciência histórica.

Essa compreensão encontra reverberação na concepção de Leontiev (2004), segundo o qual o trabalho constitui a atividade fundamental que dá origem à vida social e à consciência humana. Todavia, o autor ressalta que as condições históricas e sociais do trabalho, especialmente sob a lógica da divisão social, alteram profundamente o vínculo entre o sujeito e o produto de sua atividade. Como afirma Leontiev, “a divisão social do trabalho transforma o produto do trabalho num objeto destinado à troca, o que modifica radicalmente o vínculo do produtor com o produto que ele fabrica” (Leontiev, 2004, p. 294).

Dessa forma, embora o trabalho constitua um elemento essencial para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, sua organização social pode implicar um processo de alienação, no qual o indivíduo se distancia do sentido humano de sua própria atividade. Para Vigotski (2007), as funções psíquicas superiores — como o pensamento, a memória e a atenção voluntária — são historicamente construídas nas interações sociais mediadas pela cultura, de modo que “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapicológica)” (Vigotsk, 2007, p. 57). Assim, o trabalho, enquanto atividade social mediada, constitui condição fundamental para a formação da consciência e para o desenvolvimento humano integral. No entanto, como observa Leontiev, “a atividade material e intelectual, o prazer e o trabalho, a produção e o consumo se separem e pertençam a homens diferentes” (Leontiev, 2004, p. 294), evidenciando que, ao mesmo tempo em que a atividade humana se enriquece coletivamente, o indivíduo pode vivenciar o empobrecimento e a fragmentação de sua própria ação.

Nesse contexto, compreender o trabalho em sua dimensão humanizadora torna-se fundamental para pensar a formação docente. A superação da alienação passa, entre outros aspectos, pela linguagem — meio privilegiado de expressão, comunicação e elaboração do pensamento. Assim, a relação entre trabalho e linguagem constitui um eixo central na compreensão do processo educativo e da formação docente. O trabalho, entendido como



atividade humana essencial, e a linguagem, como meio de expressão e mediação do conhecimento, são dimensões que se entrelaçam na prática pedagógica. É por meio dessa articulação que o professor se constrói como sujeito histórico e crítico, capaz de compreender e transformar a realidade em que atua.

Tal compreensão fundamenta a formação docente crítica. Saviani (2009) afirma que a formação do professor deve articular conhecimentos culturais e sociais. Facci (2013, p. 58) complementa:

O professor, enquanto sujeito histórico, não atua isolado, mas inserido em um contexto social, político e econômico que influencia diretamente suas ações e possibilidades. Sua prática pedagógica não é neutra; ao contrário, carrega em si valores, ideologias e concepções de mundo. Formar professores, portanto, não é apenas transmitir técnicas ou métodos, mas possibilitar que eles compreendam as contradições da realidade e assumam uma postura crítica e transformadora diante dela.

Portanto, a formação docente ultrapassa a competência técnica, exigindo um olhar amplo sobre a função social da educação e o compromisso ético-político do professor. A pedagogia histórico-crítica, formulada por Saviani e seus colaboradores, constitui uma resposta teórico-prática aos desafios da educação em uma sociedade capitalista marcada por desigualdades.

Martins (2011, p. 53) afirma que “[...] o ensino é o meio pelo qual as objetivações humanas mais ricas são apropriadas, permitindo o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência histórica”. Em oposição às abordagens do “aprender a aprender”⁴, que fragmentam o conhecimento, a pedagogia histórico-crítica valoriza a sistematização do conhecimento, entendendo o saber escolar como produto das lutas sociais e, portanto, histórico (Pasqualini; Lavoura, 2020).

Duarte (2016) realiza uma crítica incisiva às pedagogias do “aprender a aprender” e das competências, as quais, ao deixarem em segundo plano o conteúdo, elevam a metodologia e o utilitarismo imediato e acabam limitando o acesso dos alunos à forma mais elaborada e crítica da consciência. A escola, na perspectiva histórico-crítica, constitui-se como o espaço

⁴ De acordo com Duarte (2011), a pedagogia do ‘aprender a aprender’ tem como eixo central a ideia de que o essencial no processo educativo não é o aprendizado de conhecimentos, mas o desenvolvimento de capacidades e habilidades que permitam ao indivíduo adaptar-se às transformações do mundo contemporâneo.





estratégico para a superação do senso comum pelo conhecimento científico. Para Saviani (2013), cabe à escola garantir o acesso aos conteúdos clássicos e sistematizados, pois são eles que permitem ao indivíduo superar a realidade imediata.

Nesse sentido, a formação docente deve preparar para a transmissão crítica do conhecimento, orientando a prática educativa à emancipação e à transformação social. Duarte (2016) reforça que a docência deve romper com relações alienantes e promover a humanização por meio de um ensino consciente e intencional.

Por outro lado, Facci (2013, p. 47) enfatiza que “o professor deve olhar para sua subjetividade e para a realidade de seus alunos, compreendendo as condições sociais, econômicas e políticas que os atravessam”. A humanização da prática docente está, portanto, vinculada à capacidade de articular teoria e prática, crítica e ação, com vistas a construir uma educação que forme sujeitos capazes de intervir conscientemente na sociedade (Saviani, 2013). O professor torna-se, assim, agente social comprometido com a emancipação humana, em sintonia com os princípios da psicologia histórico-cultural que enfatizam que o desenvolvimento psíquico é resultado da apropriação dos meios culturais e da experiência socialmente acumulada.

Nessa direção, Saviani (2009) defende a superação da dualidade que historicamente marca a educação brasileira — a divisão entre uma escola de cultura geral destinada às elites e uma escola de caráter técnico voltada às classes trabalhadoras. Essa dualidade expressa a estrutura de classes da sociedade capitalista e perpetua as desigualdades ao oferecer formações distintas conforme a origem social dos estudantes. Para o autor, é imprescindível construir uma escola unitária, voltada à formação omnilateral do ser humano, que promova o desenvolvimento intelectual, cultural e político de todos. Nesse sentido, Saviani destaca que é necessário “superar a dualidade entre uma escola de cultura geral, para as elites, e uma escola profissional, para o povo trabalhador” (Saviani, 2009, p. 68), pois apenas uma educação unificada e crítica pode garantir a verdadeira democratização do ensino e a concretização da emancipação humana.

A formação do professor, para ser efetivamente crítica e classista, deve, primeiramente, instrumentalizar o futuro docente com ferramentas teóricas para decifrar a realidade e nela intervir. Facci (2013) sublinha que o estudo aprofundado da psicologia





histórico-cultural é essencial para que o professor compreenda a gênese dos processos psíquicos e a interconexão dialética entre aprendizagem e desenvolvimento, combatendo as visões simplistas e descomprometidas que, frequentemente, permeiam a prática cotidiana e contribuem para a desqualificação profissional. O professor necessita dominar a teoria para que sua prática se eleve do nível empírico ao nível teórico, superando o espontaneísmo.

O professor que assume esse compromisso compreende que a desigualdade social se manifesta, em grande medida, na desigualdade de apropriação do saber, e que, ao garantir o acesso ao conhecimento historicamente acumulado, ele está combatendo a alienação e munindo o aluno com instrumentos para a leitura e transformação do mundo (Facci, 2013).

O processo de ser e tornar-se educador é, por conseguinte, inseparável da contínua construção identitária, teórica e prática. A identidade docente se constrói na práxis, na unidade dialética entre a teoria e a realidade da sala de aula. Esse educador crítico deve ser capaz de transcender a fragmentação e o utilitarismo das práticas sociais alienadas. O compromisso ético-político requer que a formação inicial e continuada do professor promova a apropriação da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica como sustentáculo para uma prática profissional que favoreça o pensamento crítico e, em última instância, a emancipação humana. A docência, orientada por essa perspectiva, eleva-se à condição de ato transformador da consciência individual em direção à transformação da prática social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que o desenvolvimento humano, segundo a psicologia histórico-cultural, é um processo dialético e orientado pelas interações sociais e práticas culturais. Para Vigotski (2007) e Luria (1979), as funções psicológicas superiores não se originam de fatores biológicos, mas da mediação social, especialmente pela linguagem e pelo trabalho. Essa perspectiva revela que o ser humano se constitui nas relações sociais e que o desenvolvimento psíquico é resultado da apropriação dos instrumentos culturais historicamente produzidos. Como destaca Leontiev (2004), tal apropriação é uma atividade intencional e consciente, por meio da qual o sujeito transforma o meio e a si mesmo. Assim, a





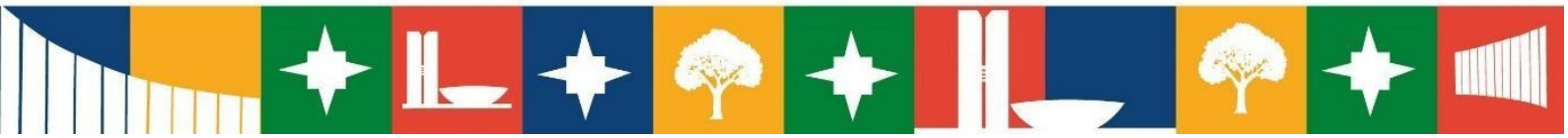
educação, entendida como prática social e cultural, é o espaço privilegiado de humanização e de produção da consciência histórica.

Ao relacionar essa base teórica com a formação docente no Brasil, emergem desafios históricos que comprometem a constituição de uma prática educativa crítica e transformadora. O primeiro deles refere-se à fragmentação curricular, que reduz a formação do professor à soma de disciplinas desconectadas entre si e dissociadas da realidade concreta da escola e da sociedade. Essa fragmentação impede a compreensão do processo educativo em sua totalidade, limitando a formação docente a aspectos técnicos e instrumentais. De acordo com Saviani (2013) e Facci (2013), essa visão fragmentada nega o caráter histórico e social da educação, distanciando o professor de uma prática fundamentada na unidade entre teoria e prática, essencial à pedagogia histórico-crítica.

O segundo desafio é a desvalorização social da profissão docente, que se expressa nas condições precárias de trabalho, nos baixos salários e na falta de reconhecimento social. Essa desvalorização não é um fenômeno isolado, mas resultado das contradições estruturais do sistema capitalista, que tende a reduzir o papel do professor à mera execução de políticas educacionais e à reprodução de conteúdos, esvaziando o sentido político e emancipador da educação. Conforme Facci (2013) e Martins (2011), a desvalorização docente contribui para a alienação do trabalho pedagógico, afastando o educador de sua função social transformadora.

Diante desses desafios, a formação docente exige uma visão ampliada e crítica do papel do professor, pautada na compreensão histórica das contradições sociais e na articulação entre os fundamentos teóricos, a prática pedagógica e o compromisso ético-político com a transformação da realidade. Saviani (2009) argumenta que o professor deve ser capaz de compreender a escola como espaço de luta ideológica e de construção da consciência, promovendo o acesso dos alunos ao conhecimento científico e cultural acumulado pela humanidade.

Nessa direção, a pedagogia histórico-crítica propõe uma formação que supere a fragmentação curricular e a desvalorização profissional por meio da unidade entre trabalho, conhecimento e prática social. O ensino, portanto, deve ser entendido como um ato intencional de mediação, que possibilita aos educandos a apropriação crítica da experiência humana.





Por fim, a emancipação humana representa o horizonte maior dessa perspectiva teórico-prática. Trata-se do processo pelo qual os indivíduos se apropriam conscientemente do conhecimento historicamente produzido, desenvolvendo a capacidade de compreender e intervir na realidade de forma crítica e libertadora. Sob a ótica da pedagogia histórico-crítica, a educação assume a função de mediar a formação integral do ser humano, superando as limitações impostas pelas condições materiais e ideológicas do sistema capitalista. Como afirma Saviani, a educação é “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2011, p. 13).

Desse modo, o professor consolida-se como agente do desenvolvimento humano integral, cuja prática deve ser consciente, crítica e socialmente comprometida. A superação da fragmentação curricular e da desvalorização docente, portanto, não é apenas uma exigência pedagógica, mas uma condição fundamental para que a educação cumpra seu papel emancipador e contribua efetivamente para a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo demonstrou que a formação docente, analisada sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica, configura-se como um processo intrinsecamente humano, social e político. Nesse quadro teórico, o professor consolida-se como um agente ativo no desenvolvimento, cuja atuação é voltada para o avanço integral dos sujeitos e para a transformação crítica da realidade social.

Diante das complexas demandas do contexto brasileiro, historicamente marcado por profundas desigualdades e desafios políticos persistentes, a valorização do professor depende, fundamentalmente, do reconhecimento explícito de sua função social transformadora e da garantia de condições materiais e simbólicas adequadas para o pleno exercício da profissão. Dessa forma, o ser e o tornar-se educador constituem processos inseparáveis que exigem uma contínua construção identitária, teórica e prática, permanentemente orientada por um compromisso ético-político com a plena humanização e emancipação dos indivíduos.





REFERÊNCIAS

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do conhecimento e a práxis**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2016.

FACCI, M. G. D. **A psicologia histórico-cultural e a formação de professores**: contribuições para o trabalho docente. Campinas: Autores Associados, 2013.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. 2. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MAIA FILHO, O. N. A pesquisa dialética na pesquisa em Ciências Humanas. In: TASSIGNY, M. M.; SAMPAIO, Patrícia P. (Org.). **Temas em Psicologia**: experiências em pesquisa. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2009.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural. Campinas: Autores Associados, 2011. Tese (Livre-docência em Psicologia da Educação) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2011.

MARTINS, L. M. Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos pedagógicos da psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 130–143, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9705> . Acesso em: 13 ago. 2025.

PASQUALINI, J. C.; LAVOURA, T. **Pedagogia histórico-crítica**: fundamentos e prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2020.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.





VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

